

#cm
2
FIM DE SEMANA

Velho conhecido do público brasileiro, o Maroon 5 é um dos headliners do Palco Mundo na reta final do festival

DIAS ECLÉTICOS NA CIDADE DO ROCK

STRAY KIDS, MAROON 5 E TWENTY ONE PILOTS LIDERAM A RETA FINAL NA CIDADE DO ROCK EM UMA MARATONA DE HITS NO PALCO MUNDO. JÁ O SUNSET APOSTA NO ECLETISMO, REUNINDO O ACID JAZZ DE JAMIROQUAI, A BAIANIDADE DE IVETE SANGALO E GILSONS E O PISEIRO DE JOÃO GOMES. PÁGINAS 2 E 3



Segundo e último fim de semana do Rock in Rio reúne Stray Kids, Jamiroquai, Maroon 5, Demi Lovato, Mumford & Sons, Twenty One Pilots, Halsey e Ivete Sangalo

Ecletismo 'invade' a Cidade do Rock na reta final

AFFONSO NUNES

Depois de abrir a Cidade do Rock com quatro dias de guitarras, pista, pop e o retorno retumbante de Elton John, o Rock in Rio entra em sua reta final emitindo outras vibrações com outro tipo de equilíbrio. De sexta-feira (11) a domingo (13), o Palco Mundo passa pelo K-pop, pela música eletrônica, pelo pop de rádio e por doses de rock alternativo. Já o Sunset, mais uma vez, promove encontros que há alguns anos vêm oferecendo uma nova face do festival. É nele que o Jamiroquai divide a noite com PJ Morton e artistas brasileiros de gerações distintas, que Mumford & Sons encontra João Gomes acompanhado por orquestra e que Marina Sena, Céu, Joelma e Viviane Batidão desenham uma noite de pop com jeitão brasileiro.

Na sexta, a estreia do K-pop no Palco Mundo será conduzida por Stray Kids. Formado por Bang Chan, Lee Know, Changbin, Hyunjin, Han, Felix, Seungmin e I.N, o grupo chega ao Rio apoiado numa base de fãs que transformou a espera pela apresentação em acontecimento próprio. O octeto acumulou mais de 30 milhões de álbuns vendidos, tornando-se o grupo com mais discos no topo da Billboard 200 neste século. Os números descrevem apenas parte deste fenômeno global. No palco, o Stray Kids combina rap, melodias pop, produção eletrônica e coreografias



Press Photo

Twenty One Pilots



Cintia Orth/Rock in Rio

Jamiroquai



Ivete Sangalo



Criolo

Divulgação

cala aberta da Cidade do Rock.

Antes deles, a noite traz NEXZ e Hwasa. A presença dos dois reforça que o recorte não se limita a uma atração isolada, mas tenta apresentar ao público brasileiro partes diferentes de uma indústria musical que tem na performance um de seus elementos centrais. Entre os shows, Alok ocupa o Palco Mundo com “Keep Art Human”, projeto que usa o próprio espetáculo como defesa da criatividade humana num momento de expansão das ferramentas de inteligência artificial. A produção anunciada prevê 1.500 drones no céu da Cidade do Rock — número que a organização apresenta como recorde em um show na América Latina — e um painel coreografado por 45 bailarinos - um show tecnológico e visual.

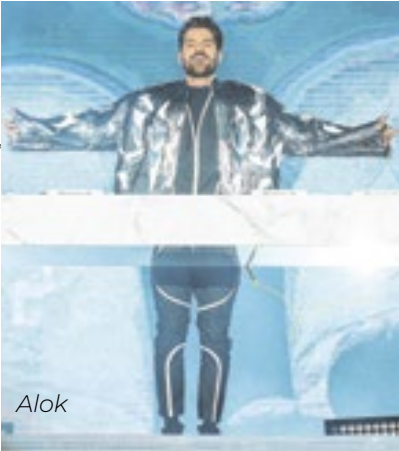
rigorosas, numa linguagem em que canção, dança, vídeo e comunidade de fãs funcionam como uma peça só. “God’s Menu”, “Thunderous”, “Miroh” e “My Pace”, peças de um repertório que jpa funciona em grandes arenas agora testado na es-



Stray Kids



Demi Lovato



Alok



Maroon 5



Gilsons

PROGRAMAÇÃO DE 11 A 13/9

11 DE SETEMBRO
PALCO MUNDO

00h05 - Stray Kids
21h20 - Alok - Keep Art Human
19h00 - Hwasa
16h40 - Nexz

PALCO SUNSET

22h45 - Jamiroquai
20h10 - PJ Morton
17h50 - Os Garotin convidam Duquesa
15h30 - Jota.Pê convida Luedji Luna e Zaynara

GLOBAL VILLAGE

19h10 - Soulidifield
16h50 - Rio Bronx
15h00 - Lambateria com Félix Robatto

FAVELA

19h10 - MC Cabelinho convida TZ da Coronel
16h50 - Puterrier & MC Carol
15h00 - Caio Luccas

12 DE SETEMBRO
PALCO MUNDO

00h05 - Maroon 5
21h20 - Demi Lovato
19h00 - J Balvin
16h40 - Pedro Sampaio

PALCO SUNSET

22h45 - Mumford & Sons
20h10 - João Gomes ao lado da Orquestra Brasileira
17h50 - Gilsons convida

Daniela Mercury e Olodum
15h30 - Criolo, Amaro & Dino

GLOBAL VILLAGE

19h10 - Mestrinho
16h50 - Hamilton de Holanda
15h00 - Badi Assad

FAVELA

19h10 - Timbalada
16h50 - Priscila Senna
15h00 - Soul de Brasileiro

13 DE SETEMBRO
PALCO MUNDO

00h05 - Twenty One Pilots
21h35 - Halsey
19h10 - Lola Young
17h00 - Ivete Sangalo

PALCO SUNSET

22h50 - Zara Larsson
20h20 - Marina Sena convida Céu
18h05 - Joelma convida Viviane Batidão
15h50 - Carol Biazin convida Joyce Alane

GLOBAL VILLAGE

19h10 - Haley Smalls
16h50 - Lucy Alves
15h00 - Kynnie

FAVELA

19h10 - Dennis
16h50 - Suel
15h00 - Marwila

O Sunset de sexta constrói uma resposta menos monumental e mais musical. Jamiroquai, banda identificada com o acid jazz e o funk moderno, chega com o repertório que fez do carismático vocalista Jay Kay uma figura globalmente conhecida desde os anos 1990. “Virtual Insanity”, “Cosmic Girl” e “Space Cowboy” permanecem como portas de entrada para um grupo cheio de groove que transita talentosamente pelo funk setentista, soul, R&B, disco, pop e eletrônica com arranjos pensados para dançar.

PJ Morton, cantor, compositor e integrante do Maroon 5, acrescenta outra vertente do soul contemporâneo. Antes, Os Garotin recebem Duquesa, e Jota.Pê chama Luedji Luna e Zaynara. A sequência permite que o R&B, o rap, a canção e referências amazônicas circulem no mesmo palco.

O sábado (12) é, provavelmente, o dia de maior amplitude comercial do segundo bloco. Pedro Sampaio abre o Palco Mundo antes de J Balvin, Demi Lovato e Maroon 5. A sequência é quase uma história recente do pop de grande público: o brasileiro que transformou funk em linguagem de arena, o colombiano que levou o reggaeton a uma escala global, a cantora americana que atravessou pop, rock e televisão desde a adolescência e, no fechamento, a banda de Adam Levine. O Maroon 5 chega com mais de duas décadas de repertório e hits como “This Love”, “She Will Be Loved”, “Moves Like Jagger” e “Sugar”. Sua trajetória é marcada justamente pela elasticidade: começou com base pop-rock e incorporou R&B, produção eletrônica e colaborações que o man-

tiveram nas paradas mesmo quando o desenho do rádio mudou. É uma banda que acumula diversas passagens pelo Brasil e pelo Rock in Rio em particular - são quatro apresentações nas edições de 2011, 2017 e 2022.

O Palco Sunset do sábado oferece um contraponto mais orgânico. Mumford & Sons, formado em 2007, mistura folk e rock com bano, violões e refrões que crescem até virarem coro coletivo. “Little Lion Man”, “The Cave” e “I Will Wait” explicam parte de seu alcance, mas o interesse do show está no modo como a banda transforma instrumentos acústicos em energia de estádio. João Gomes & Orquestra Brasileira ocupa o mesmo palco com outra origem sonora: o piseiro e a sofrência romântica do cantor pernambucano encontram uma formação orquestral, em arranjo que amplia sem apagar a cadência de canções como “Meu Pedaco de Pecado”, “Dengo”, “Se For Amor” e “Aqueles Coisas”. A imagem é sugestiva: a vaquejada anunciada pela organização não chega como cenário folclórico, mas como linguagem popular posta em diálogo com uma estrutura sinfônica.

Também no Sunset, Gilsons convidam Daniela Mercury e Olodum, numa noite de baianidade na veia, enquanto Criolo, Amaro Freitas e Dino D’Santiago formam outro encontro de grande densidade. Criolo, entre rap, samba e canção; Amaro, pianista que trata o jazz como campo de invenção; e Dino, voz portuguesa ligada a ritmos caboverdianos, R&B e pop.

O domingo (13) fecha a edição com um Palco Mundo desenhado como sequência de hits. Ivete San-

galo abre a programação, seguida por Lola Young e Halsey, antes do Twenty One Pilots. Ivete não precisa de apresentação para o público de festival: sua experiência de multidão, construída entre Carnaval, televisão e grandes palcos, cria uma abertura com energia própria. Lola Young chega com a projeção recente de uma artista que se move entre pop, soul e uma escrita de tom confessional. Halsey traz uma obra que, desde “Badlands”, alterna pop, rock, eletrônico e experimental. O álbum de estreia, lançado em 2015, estabeleceu um universo distópico e pessoal; dez anos depois, a apresentação no Rio coincide com a memória dessa virada e com a fase de “The Great Impersonator”*, trabalho mais recente da cantora.

O Twenty One Pilots fecha a noite apoiado numa relação intensa entre música e universo narrativo. Tyler Joseph e Josh Dun misturam rap alternativo, pop e rock experimental, mas a força do duo não está somente em “Stressed Out”, “Heathens” e “Ride”. Ao longo dos discos e vídeos, a banda construiu uma mitologia que organiza ansiedade, identidade e conflito interno em imagens recorrentes. Essa dimensão teatral ajuda a entender por que seus shows têm tanta importância para os fãs: a apresentação funciona como capítulo de uma história que o público acompanha há anos. Para um festival acostumado a medir seus encerramentos pelo tamanho dos refrões, o Twenty One Pilots leva uma forma de espetáculo cuja escala também é emocional e visual.

O Sunset encerra a edição com Zara Larsson, Marina Sena convidando Céu, Joelma convidando Viviane Batidão e Carol Biazin convidando Joyce Alane. A programação é uma espécie de mapa de pop feminino. Zara traz o repertório de alcance internacional; Marina e Céu aproximam duas gerações de artistas que cruzam MPB, reggae, axé, dancehall, trip-hop, soul e eletrônica; Joelma e Viviane ligam a música popular de massa do Norte a uma forte presença cênica; Carol Biazin e Joyce Alane acrescentam vozes mais novas da canção pop.

No último percurso possível, o New Dance Order tem John Summit, Roddy Lima, Illusionize e Dawn Patrol — formado por Maz, Antdot, Riascode e Bakka. Dennis, Suel e Marwila estão no Espaço Favela; Lucy Alves, Haley Smalls e Kynnie se apresentam no Global Village. Quando a Cidade do Rock fechar, às 3h, terá passado por três dias de sonoridades diversas e encontros únicos, daqueles que merecerão ser lembrados por anos a fio.

SERVIÇO

ROCK IN RIO 2026

Cidade do Rock (Parque Olímpico, Barra da Tijuca)
11 a 13/9, a partir das 14H (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 870 e R\$ 435 (meia)

Inclusão pelos botões e carrapetas

Aos 23 anos, DJ JP se torna o primeiro artista com síndrome de Down a comandar uma pista no Rock in Rio e transforma conquista pessoal em símbolo de representatividade

AFFONSO NUNES

Especial para o Correio da Manhã

Desde sua criação, nos idos de 1985, o Rock in Rio adotou o discurso da inclusão. E essa história ganha uma página especial nesta sexta-feira (11) no palco Artist Village. Aos 23 anos, João Pedro Rocha, o JP, fará sua estreia no festival carregando uma conquista que ultrapassa sua própria trajetória: será a primeira vez que um DJ com síndrome de Down ocupará um dos palcos do evento.

Mas JP não chega ali apenas para representar uma causa. Chega para trabalhar. Primeiro DJ profissional com síndrome de Down no Brasil, ele construiu em apenas dois anos uma carreira que já passou por festivais, turnês e apresentações para milhares de pessoas. No repertório, mistura samba, MPB, pop e funk com a preocupação essencial de qualquer DJ: entender quem está do outro lado da cabine. “Gosto de ver o público animado, de ver que as pessoas estão curtindo o meu som”, resume.

A música entrou em sua vida muito antes de virar profissão. Criado numa família musical, JP cresceu entre festas, shows, rodas de samba e blocos de rua. Foi ouvindo ritmos diferentes e convivendo com DJs que começou a formar o repertório que hoje leva às pistas. O passo profissional veio em 2024, quando conheceu Rafael Nazareh, DJ e produtor responsável pela formação de DJs na Aimec. Professor e aluno precisaram descobrir juntos a melhor maneira de desenvolver o aprendizado.

“Tem sido uma trajetória impressionante, ao mesmo tempo divertida e lúdica. Nós encontramos a melhor forma para ele aprender e seguir na profissão. Hoje ele está apto para conduzir a pista para

“*Eu nunca poderia imaginar que um dia eu chegaria ao Rock in Rio e mostrar meu trabalho para tanta gente! Ser uma pessoa com síndrome de Down não me impede de fazer o que eu quiser*”

JP ROCHA

muitas pessoas, com todas as ferramentas e possibilidades”, atesta o professor.

E as pistas não demoraram a crescer. A estreia profissional aconteceu no CasaBloco, no Jockey Club, em 2025. No início deste ano, JP chegou a Recife, onde abriu apresentações de Elba Ramalho e do Galo da Madrugada. Em duas noites na Praça do Arsenal, tocou para mais de 20 mil pessoas.

Depois vieram o Festival Har-

monia, no Rio, e um convite de Geraldo Azevedo. Entre abril e julho, JP abriu os oito shows da turnê “Oitentação”, criada para celebrar os 80 anos do cantor e compositor. Passou por diferentes capitais e por palcos como o Teatro Unimed, em São Paulo, e a Concha Acústica do Teatro Castro Alves, em Salvador.

Também dividiu a programação da abertura da Árvore de Natal da Lagoa com a Orquestra Sinfônica Petrobras e participou

do projeto “Música no Deck”, em São Conrado. Cada apresentação acrescentou experiência a uma carreira ainda muito jovem — e tornou o sonho que agora se realiza um pouco menos improvável.

Porque a importância da estreia no Rock in Rio talvez esteja justamente aí. Inclusão ganha outro significado quando deixa de ser apenas discurso e passa a significar acesso real à formação, ao trabalho e aos grandes palcos. JP não estará diante do público

como alguém a quem foi permitido sonhar mas, principalmente, porque se preparou para ocupar espaços com sua vocação.

Ele próprio sabe o tamanho simbólico do momento. “Eu nunca poderia imaginar que um dia eu chegaria ao Rock in Rio, convidado para um trabalho como este, que vai mostrar meu trabalho para tanta gente! E também de como ser uma pessoa com síndrome de Down não me impede de fazer o que eu quiser”, afirma.



Antes de chegar ao Rock in Rio, JP já discotecou em festivais e na abertura de shows de grandes nomes da MPB

Antes, durante e depois do carnaval... sempre haverá o Monobloco

Coletivo liderado por Pedro Luis volta ao Circo Voador para celebrar 25 anos de história e carnavais

AFFONSO NUNES

Não são poucas as casas de shows que pausam sua programação durante eventos musicais do porte de um Rock in Rio. Mas o Circo Voador não embarca nessa onda honrando sua tradição de palco alternativo e recebe nesta sexta-feira (11) o Monobloco.

O coletivo retorna às lonas da Lapa para celebrar mais de 25 anos de uma história que ajudou a renovar o carnaval de rua carioca. Liderado por Pedro Luís, Celso Alvim, C.A. Ferrari e Sidon Silva, o Monobloco começou de maneira bem menos ruidosa. Nascido de uma oficina de percussão, o projeto cresceu junto com a retomada dos blocos de rua e forjou identidade própria ao levar vários gêneros musicais



Pedro Luis comanda mais uma noite de Monobloco no Circo Voador

SERVIÇO

MONOBLOCO | Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa) | 11/9, partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia entrada e ingresso solidário com doação de 1kg de alimento não perecível)

ao terreno da batucada. É assim que canções de diferentes épocas e sotaques ganham outra vida quando atravessadas pela identidade percussiva do grupo. No repertório do Circo estão clássicos como “Taj Mahal”, de Jorge Ben Jor, “Descobridor dos Sete Mares”, eternizada na voz de Tim Maia, e “Fio Maravilha”, também de Jorge Ben Jor. Canções que não nasceram necessariamente para o carnaval, mas que o Monobloco aprendeu a levar para a rua. Essa liberdade talvez explique parte da longevidade do projeto. O grupo ajudou a transformar o bloco carnavalesco em experiência musical capaz de sobreviver à Quarta-Feira de Cinzas. E o espírito permanece sendo o da rua e a infalível fórmula de reunir gente em torno do ritmo. Antes e depois da apresentação, DJ Nado Leal prolonga a noite nas carrapetas.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Ithamara Koorax em três noites no Bottle's Bar

Uma das cantoras brasileiras de maior prestígio internacional, Ithamara Koorax faz três apresentações, de sexta a domingo (11 a 13), às 21h, no Bottle's Bar, do Beco das Garrafas. O foco do show está no repertório que a cantora gravou ao lado de mestres da bossa como Antonio Carlos Jobim, Luiz Bonfá, João Donato, Milton Banana, Marcos Valle, Eumir Deodato e Dom Um Romão.



Divulgação

Abacaxepa celebra 10 anos no palco do Rival

O Abacaxepa celebra uma década de trajetória com o lançamento de seu terceiro álbum de estúdio, “Antes que você se esqueça”, com show no Teatro Rival Petrobras neste sábado (12), às 19h30. O grupo consolidou-se como uma das bandas mais singulares da cena independente brasileira, cruzando teatralidade, música popular brasileira, psicodelia, rock e crítica social em um universo performático e pulsante.



José de Holanda/Divulgação

Camerata de Violões de graça no Centro

A Camerata de Violões é atração desta semana, às 19h9, do Sextas Instrumentais do Espaço BNDES. Nascido de uma reunião de professores do Conservatório Brasileiro de Música em 1996, o grupo chega aos 30 anos de atividades ininterruptas. Dedicada na maior parte desse período ao repertório brasileiro — tanto em sua dimensão de concerto quanto na música popular do país. Grátis



Divulgação

Marco Lima leva seu virtuosismo à Tijuca

O violinista Marco Lima se apresenta nesta sábado (12), às 16h, no Centro Carioca da Música Artur da Távola. O instrumentista foi premiado 15 vezes em concursos de interpretação, sendo o vencedor de seis deles. Já se apresentou na Alemanha, Itália, França, Suíça e em importantes salas brasileiras. Neste concerto Lima apresenta obras para violão solo de Maria Luisa Anido, Sofia Gubaidulin.



Divulgação

Claudia Raia volta a viver Tarsila do Amaral esta semana no Rio, com sessões até domingo (13) no Vivo Rio. A nova passagem do musical “Tarsila, a Brasileira” teve duas sessões no Theatro Municipal, em agosto, e condensa num palco de grande formato uma vida que o imaginário brasileiro costuma resumir a algumas das telas da pintora paulista como “Abaporu”, “A Negra”, “Operários” e a paisagem de cores intensas associadas ao movimento modernista de 1922.

Para Raia, que protagoniza e produz a montagem, a escolha de Tarsila não se limita à homenagem a uma artista consagrada. “Arte e cultura são fundamentais porque carregam nossa história, contam mais sobre nós, sobre nossa identidade coletiva”, afirma, ressaltando que a produção usa a biografia da pintora para discutir a imagem de Brasil que ela ajudou a formular. Raia também associa a obra de Tarsila à capacidade nacional de criação e renovação, e à necessidade de revisitar o passado para transformá-lo em matéria nova.

“Tarsila, a Brasileira” acompanha os anos 1920 e 1930, quando a artista circula entre São Paulo e Paris e procura uma pintura capaz de enunciar o Brasil sem a obrigação de parecer europeia. Essa busca, que na história da arte costuma chegar ao público por rótulos como “Pau-Brasil” e “Antropofagia”, recebe dimensão biográfica: a artista em meio a amigos, paixões, viagens, disputas e perdas.

O texto e as letras são de Anna Toledo e José Possi Neto, que também assina a encenação e a direção de arte. Guilherme Terra responde pela direção musical. O desenho situa Tarsila no centro de uma narrativa em que a invenção estética não está separada dos afetos nem das condições materiais da vida. O relacionamento com Oswald de Andrade, vivido por Jarbas Homem de Mello, é uma das linhas de força da trama. Ao lado de Anita Malfatti, Mário de Andrade e Menotti Del Picchia, os dois integram o ambiente que ficou conhecido como Grupo dos Cinco, núcleo decisivo para a renovação artística brasileira na Semana de 1922.

Em entrevista ao programa Roda Viva, Raia resumiu a escala do desafio. “A história dela daria para fazer três musicais”, disse na ocasião ao falar de levar cinco décadas a uma montagem de duas horas e meia.

Para a dramaturgia atingir esse poder de síntese, a montagem mostra o percurso de uma artista que ajudou a deslocar a pergunta sobre o que o país poderia representar por meio de sua arte. A brasilidade deixa de ser cenário e passa a ser problema, escolha e linguagem.

A segunda parte da narrativa se afasta da aura de celebração que frequentemente envolve a Semana



Claudia Raia e Jarbas Homem de Mello dão vida a Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade no musical

Tarsila muito além do ‘Abaporu’

Claudia Raia volta à cidade com musical que relaciona a pintora, ícone do modernismo brasileiro, às questões de seu tempo



Divulgação



Acervo de família

Claudia Raia caracterizada como a pintora (ao lado), uma das referências artísticas e estéticas da Semana de 1922

“Arte e cultura são fundamentais porque carregam nossa história, contam mais sobre nós, sobre nossa identidade coletiva”

CLAUDIA RAI

de 22. A Crise de 1929 provoca a perda da fortuna da família; Tarsila enfrenta a ruptura com Oswald, depois de sua aproximação com Patrícia Galvão, a Pagu, e viaja para Moscou. O roteiro acompanha também a mudança de sua pintura, quando as figuras de trabalhadores

e a questão social passam a ocupar o primeiro plano. A prisão durante o governo de Getúlio Vargas, sob suspeita de atividade revolucionária após a viagem à Rússia. O percurso de Tarsila se move do brilho dos salões da sociedade para as tensões políticas de seu tempo.

A Tarsila que o espetáculo propõe atravessa sucessos e reveses, a morte da filha e da neta, novas relações e a velhice. O encontro com o jornalista Luis Martins, 24 anos mais jovem, e os últimos anos marcados pela espiritualidade entram como partes de uma vida cuja permanência não se explica somente por uma obra célebre.

Claudia Raia enfrenta uma personagem que exige mais do que a reconstituição de uma figura histórica. Tarsila é apresentada como alguém capaz de se reinventar diante das mudanças do próprio país e das perdas privadas.

SERVIÇO

TARSILA, A BRASILEIRA

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)
Até 13/9, sex (21h), sáb (16h e 21h) e dom (19h)
Ingressos a partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CRÍTICA TEATRO | DOCE ÁRIDO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Há uma engenharia dramática, na qual os dramaturgos exibem suas habilidades para organizarem seus conflitos, diálogos e personagens, elementos que estruturam verdadeira obra teatral. Em “Doce Árido”, Tairone Vale revela-se um expert na construção autoral, posicionando seu texto na galeria dos melhores do ano na cena carioca. Implementa uma reviravolta da narrativa, cuja inteligência cênica abarca e impacta a audiência. A violência contra a mulher, traumas, opressões, estabelecem uma engrenagem dramática que desagua em relações familiares conturbadas, sinalizando dores de um isolamento rural.

Um encontro de gerações debruça-se numa rotina árdua de trabalho, diante da miséria em que vivem, com mulheres sem perspectiva, na luta por alguma dignidade. A peça atenta-nos para o descaso com gente rústica que vive desassistida de conhecimento e serviços de saúde, configurando tragicidade por vezes patética, imprimindo humor angustiante.

O diretor articula um espetáculo poético para sua viagem empírica e inóspita, suavizada por uma montagem sensível. Estipula silêncios aterradores que irrompem as vísceras, além de elaborar marcas que valorizam a dramaticidade. Um movimento aflitivo enquanto exaurem-se na feitura de doces gera um dos belos momentos da encenação, onde tachos aéreos permanecem acima das personagens, sufocando



As três intérpretes de ‘Doce Árido’ impressionam pelo timing que nunca se perde entre elas

Carpintaria poética

a própria existência. A cena em que a jovem Maria Lúcia revolta-se e destrói a mercadoria é outro acerto com efeito teatral.

As três intérpretes impressionam pelo timing que nunca se perde entre elas. Pri Helena institui

força e carisma cativante. Mistura dor e potência, alternando ideias que parecem inconclusivas, manifestando extrema humanidade em sua Maria Antônia. A atriz possui um semblante que favorece a esfera dramática. Na primeira metade do

espetáculo, Rebeca Figueiredo desenha contenção, já que sua Maria Lúcia encontra-se medicada. Na sequência toma as rédeas e brilha, costurando filigranas de interpretação em alto nível. A Maria Quitéria de Layla Paganini tem personalidade, expressando humor e sagacidade naquela áspera temática.

A carpintaria cenográfica de Cris Bourgeois assombra e demarca sofrimento. Um platô desvela pobreza com porta e vidraças estilhaçadas, além de cordas vermelhas – como se artérias e veias estivessem expostas, escorando utensílio culinário. Em dado momento, desta-

ca-se e toma vida, determinando atmosfera onírica repleta de apelo visual, como um navio que naufraga em terra firme e vidas afundam vagarosa e poeticamente. O figurino, da mesma, é simplório, adequadamente. A luz de Nitay Krishna trafega entre o luar e o sol diário que dá cansaço, mas não aquece a alma naquele inverno sombrio. A trilha de Laura Jannuzzi passeia entre a viola caipira e flauta corroborando o clima doloroso.

Em definição aristotélica, o teatro imita a vida no sentido de recriação e não de cópia literal. “Doce Árido” abusa disso com maestria!

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Beti Niemeyer/Divulgação



Viva Othon Bastos!

Sucesso de público e crítica, o monólogo “Não Me Entrego Não!” inicia neste fim de semana temporada popular no Imperator, no Méier, e segue no próximo fim de semana para o Teatro Arthur Azevedo, em Campo Grande. No espetáculo, com texto e direção de Flávio, Othon Bastos, aos 93 anos, revive sete décadas dedicadas ao ofício de atuar. A premiada montagem estreou em 2024, já foi encenada em diversas cidades brasileiras e ultrapassou a marca de 250 apresentações. Othon Bastos é um monumento vivo de nossa cultura!

Josélia Frazão/Divulgação



Obra atemporal de Boal

Dirigido por Wellington Fagner, “Revolução na América do Sul”, um dos primeiros textos de Augusto Boal (1931-2009), chega ao Teatro Poeirinha, em Botafogo, onde permanece em cartaz até 21 de outubro. É a primeira temporada regular de uma montagem cuja trajetória começou antes da pandemia e passou pelo ambiente virtual. “A montagem busca atualizar o clássico de Boal entendendo que, embora o texto original seja datado em seu contexto histórico, a encenação e as dores da classe trabalhadora permanecem urgentes”, diz o diretor.

Renato Mangolin/Divulgação



A humanidade em 2m²

A Dobra Teatro celebra 15 anos trazendo de volta aos palcos cariocas ‘Hominus Brasilis’, espetáculo que transforma corpos e vozes em cenário para uma viagem pela história da humanidade, do Big Bang aos tempos atuais. A ação transcorre com os atores Diego de Abreu, Helena Marques, Mariana Fausto e Matheus Lima em cima de um tablado de 2 metros quadrados construindo uma narrativa nascida de uma longa pesquisa cênica desenvolvida pelo grupo. Em cartaz até o dia 24 no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, no Humaitá.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

BETO DOURAH

✳O cantor e compositor presta homenagem a Beto Guedes, com participações de Tuca Oliveira e Ninah Jô. Sex. (11), às 19h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824, Tijuca). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

TASHA & TRACIE

✳A dupla apresenta o repertório de seu aguardado primeiro álbum de estúdio, “Serena & Venus”. Sáb (12), às 22h. Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa). R\$ 160 e R\$ 80 (meia e ingresso solidário, com doação de 1kg de alimento não perecível)

MALU RODRIGUES E BANDA DO TREMENDÃO

✳O show revisita a obra de Erasmo Carlos com músicos ligados à sua trajetória. Sex. (11), às 21h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). A partir de R\$ 80

LUCIANA LIMA

✳A cantora estreia sua carreira solo com o lançamento do single “Meu Lugar”. Sáb. (12), às 19h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55, Botafogo). R\$ 25 (antecipado) e R\$ 35

TEATRO

OLGA

✳A Companhia Ensaio Aberto retoma a trajetória de Olga Benario Prestes, em espetáculo de Luiz Fernando Lobo com atuação de Tuca Moraes em linguagem de teatro documental. Sex. a seg., às 20h, até 28/9. Armazém da Utopia (Av. Rodrigues Alves, 299, Gamboa). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

MAMMA MIA!

✳O musical criado a partir das canções do ABBA acompanha Sophie, jovem às vésperas do casamento que convida três antigos amores da mãe para descobrir quem é seu pai. Até 27/9, sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h). Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38, Centro). De R\$ 50 a R\$ 250.

O OVO E A GALINHA

✳Ana Hartmann encena a adaptação do conto de Clarice Lispector, dirigida por ela e Joana Medeiros, em solo que incorpora música ao vivo, projeções e a íntegra do texto. Até 27/9, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Ziembinski (Av. Heitor Beltrão, s/nº, Tijuca). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)



A Confissão de Leontina



Malu Rodrigues e Banda do Tremendão

TERAPIA

✳Natália Régia escreve e protagoniza a comédia sobre uma mulher que passa a buscar na IA respostas para amor, trabalho e propósito. Até 13/9, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

GAIVOTA

✳O Armazém Companhia de Teatro apresenta releitura de Anton Tchekhov. Até 13/9, sex (19h), sáb. e dom (18h). Teatro II do CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

SIMPLES ASSIM

✳Peça leva ao palco crônicas de Martha Medeiros sobre afetos, vida contemporânea e relações em tempos de hiperconexão. Até 20/9, sáb (16h) e dom (19h). Teatro Bangu Shopping (Rua Fonseca, 240). A partir de R\$ 25

A CONFISSÃO DE LEONTINA

✳Rose Irene Visitação protagoniza o monólogo inspirado no conto de Lygia Fagundes Telles; após as sessões, há conversa com o público. Até 12/9, sex e sáb (19h). Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Grátis



Mamma Mia!, musical

MANDE NOTÍCIAS DO MUNDO DE LÁ

✳Arlete Salles vive uma mulher que descobre que o luto também pode ser hilário, em seu primeiro monólogo. Até 4/10, sex e sáb (20h), dom (19h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea, Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º piso). Entre R\$ 73 e R\$ 147

DOCE ÁRIDO

✳Três gerações de mulheres vivem pressão de uma encomenda. Até 26/9, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ALGUMA COISA FALTA AQUI

✳Dois amigos numa linha do tempo fragmentada de encontros, separações e memórias. Até 25/10, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

TARSILA, A BRASILEIRA

✳Claudia Raia protagoniza musical sobre a vida e a obra da artista plástica Tarsila do Amaral. Até 13/9, sex (21h), sáb (16h e 21h) e dom (19h). Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo). A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Nhe'e Se - Desejo de Fala



Ritinha Rock Roll - Rita Lee para Crianças



Tasha & Tracie



Vik Muniz - A Olho Nu

INFANTIL

PEQUENAS MÃOS

✳️Atividade para crianças de 3 a 7 anos propõe brincadeiras com luz e sombra a partir da poesia de Daniela Chindler. Sáb. e dom., às 13h. CCBb Educativo (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

RITINHA ROCK & ROLL — RITA LEE PARA CRIANÇAS

✳️O projeto Grandes Músicos para Pequenos transforma a trajetória e as canções de Rita Lee em um musical sobre imaginação, liberdade e o poder de sonhar. Até 13/9, sáb e dom (11h). EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). A partir de R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

PEQUENÍSSIMAS MÃOS

✳️Projeção, música, histórias e máscaras apresentam animais da fauna brasileira a crianças de 2 a 3 anos. Dom., às 13h. CCBb Educativo (Rua Primeiro de

Março, 66, Centro). Grátis

LIVRO VIVO

✳️Mediação de leitura inspirada nas exposições e nas ações de patrimônio do CCBb. Sáb. e dom., às 16h. CCBb Educativo (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

EXPOSIÇÃO

NHE'E SE - DESEJO DE FALA

✳️Trinta obras de 13 artistas indígenas contemporâneos de 12 povos discutem território, memória e tecnologia. Qua. a dom., das 11h às 20h, até 11/10. Petrobras Futuros (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Grátis

VIK MUNIZ - A OLHO NU

✳️A retrospectiva apresenta a trajetória do artista paulista radicado nos Estados Unidos, que se tornou mundialmente conhecido por criar imagens impressionantes construídas a

partir de materiais descartáveis como açúcar, lixo, chocolate e confetes. Até 12/10, qua a seg (9h às 20h). CCBb RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

ZONA DE SACRIFÍCIO

✳️Fotografias de Isis Medeiros expõem os rastros da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha e suas consequências. Até 1/11; ter. a sex., das 10h às 18h; sáb., dom. e fer., das 11h às 17h. Galeria Mestre Vitalino (Rua do Catete, 179). Grátis

OCUPAÇÃO GRANDE OTHELO

✳️Mostra reúne acervo, figurinos e objetos ligados ao ator que abriu caminhos para artistas negros no cinema, teatro e televisão. Até 30/9, de seg. a sex., das 10h às 16h. CEDOC Funarte (Praça da República, 26, Centro). Grátis

INVENTÁRIO. OS OBJETOS OLHAM PARA NÓS

✳️A fotógrafa espanhola Beatriz Ruibal investiga memória e Guerra Civil Espanhola a partir de objetos e arquivos. De seg. a sáb., das 10h às 19h, até 28/10. Instituto Cervantes (Rua Visconde de Ouro Preto, 62, Botafogo). Grátis

EVENTOS

PALAVRA LÍQUIDA

✳️A 11ª edição do encontro de literatura homenageia Miriam Alves e Éle Semog, com literatura, música, cinema, dança e artes visuais. Até dom. (13). Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). Grátis



Alguma Coisa Falta Aqui

Éramos seis...

no dia 16, restará um

Academia Brasileira de Cinema promove um delicado recorte dos muitos Brasis em sua peneira dos longas-metragens nacionais com potencial para representar o país no Oscar 2027

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Brasis muito variados, do Centro-Oeste aos mares de Amir Klink, passando pelas Gerais e pela realidade do Nordeste, desenharam o mosaico audiovisual de uma nação a ser representado por apenas um pedacinho... um longa-metragem... a Hollywood, na corrida por vagas na disputa do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2027. A Academia Brasileira de Cinema anunciou na última quarta-feira sua shortlist (lista prévia) das produções nacionais hoje pré-selecionadas para representar o país na Meca do cinema. Eram 15, ficaram seis...

Os títulos escolhidos são por ordem alfabética: “100 Dias”, do animador Carlos Saldanha; “A Fabulosa Máquina do Tempo”, da documentarista Eliza Capai; “A Natureza das Coisas Invisíveis”, de Rafaela Camelo (uma das febres de Gramado, em 2025); “Feito Pipa”, de Allan Deberton (ganhador do Urso de Cristal na Berlinale); “Nosso Segredo”, de Grace Passô (ganhador do Kikito de Melhor Ficção deste ano); e “Vicentina Pede Desculpas”, de Gabriel Martins, que traz a grife Netflix e vai concorrer à Concha de Ouro no Festival de San Sebastián. O eleito desse sexteto será divulgado no dia 16.

A escolha do representante brasileiro será feita dentro das regras da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Para entrar na disputa nacional, os filmes precisaram ter estreado comercialmente no período de 1º de outubro de 2025 e 30 de setembro de 2026, permanecendo em cartaz por pelo menos sete dias consecutivos em salas comerciais. A tão esperada cerimônia do Oscar 2027, onde um desses exercícios de autoralidade pode ter vez, está marcada para 14 de março.

Se “100 Dias” vingar no gosto dos votantes da Academia Brasileira de Cinema, há de pesar não apenas a excelência de sua dramaturgia e de sua composição técnica, mas o passado de Carlos Saldanha em terras hollywoodianas. Ele concorreu com o curta “Gone Nutty” no mesmo 2004 em que Fernando Meirelles



Vicentina Pede Desculpas



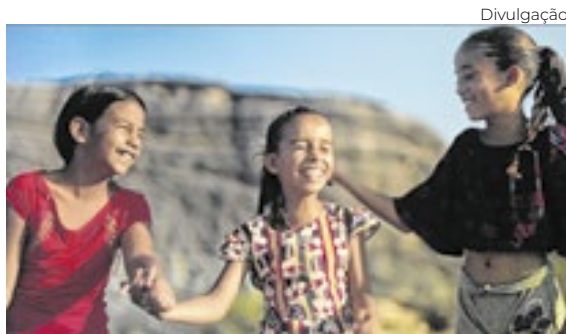
Nosso Segredo



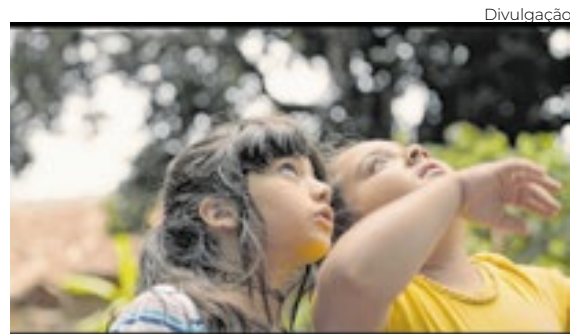
100 dias



Feito Pipa



A Fabulosa Máquina do Tempo



A Natureza das Coisas Invisíveis

disputou troféus com “Cidade de Deus”. Esteve no páreo dedicado à animação com “Rio” (2011) e “Touro Ferdinando” (2018). Agora Saldanha parte para o cinema de ação e aventura em uma história baseada na trajetória de Amyr Klink. O filme acompanha a travessia solitária do navegador pelo Atlântico Sul, realizada em 1984 a bordo de um barco a remo. A estreia comercial está marcada para 29 de outubro.

Badalado na abertura da mostra Generation, de Berlim, “A Fabulosa Máquina do Tempo” firma o presti-

gio global de Eliza Capai. Depois de “Espero tua (Re)volta” (premiado na Alemanha em 2019, pela Anistia Internacional), a diretora acompanha meninas de uma pequena cidade do sertão do Piauí. Entre brincadeiras, TikTok e histórias familiares, elas imaginam uma máquina capaz de revisitar o passado de mães e avós e projetar um futuro diferente. O longa passou pelo circuito brasileiro em julho.

Na ativa desde 2025, “A Natureza das Coisas Invisíveis” acompanha os rumos de Glória, de 10 anos, du-

rante as férias no hospital onde sua mãe trabalha, onde conhece Sofia, uma menina preocupada com a saúde da bisavó. A amizade entre as duas conduz uma história sobre infância, perda e transformação. Coprodução Brasil-Chile, o filme de Rafaela Camelo estreou na Berlinale do ano passado e chegou aos cinemas brasileiros pela Sessão Vitrine Petrobras.

Badaladíssimo por onde passa, a Sessão da Tarde à moda cearense “Feito Pipa” deu a Allan Deberton o Kikito de Melhor Direção em

Gramado, onde saiu ainda com a láurea do Júri Popular e troféus de Atriz (Teca Pereira) e Ator Coadjuvante (Lázaro Ramos), além de uma menção para seu astro mirim, o baiano Yuri Gomes. Depois de conquistar dois prêmios na Berlinale, incluindo o Urso de Cristal, o realizador de “Pacarrete” (2019) tenta a sorte planeta adentro com um de seus filmes mais fortes. Yuri interpreta Gugu, menino criado pela avó Dilma, vivida por Teca, enquanto a doença de Alzheimer começa a avançar sobre ela. Lázaro Ramos interpreta o pai do garoto.

Uma das joias mais raras de nossas telas hoje, “Nosso Segredo” pode ser visto no Ponto Cine, às 18h10. Primeiro longa dirigido pela aclamada estrela de “Temporada” (2018), esse drama com tons decoloniais acompanha o luto e a luta de uma família tentando reconstruir a vida depois de uma perda. Enquanto cada integrante enfrenta as saudades de um patriarca recém-falecido de uma maneira, o filho caçula guarda um enigma que pode alterar a forma como todos encaram as próprias dores. O filme estreou na Berlinale e brilhou no Bafici, em Buenos Aires, antes de vencer Gramado.

Neste momento, todas as atenções do planisfério cinéfilo acerca de narrativas lusófonas se voltam para a Minas de “Vicentina Pede Desculpas”, de Gabriel Martins, que estará na Netflix no dia 20 de novembro. Depois do impacto internacional de “Marte Um” (2022), Gabito (apelido do realizador mineiro) volta a investigar as relações familiares em uma história sobre luto, culpa e perdão. Rejane Faria interpreta Vicentina, mulher que perde o filho em um acidente de ônibus e, diante da suspeita de que ele tenha provocado a tragédia de propósito, decide procurar as famílias das vítimas para pedir desculpas. O longa bate ponto na programação do TIFF, o Festival do Toronto, neste sábado, e vai brigar por láureas em San Sebastián, no dia 24 deste mês. Lá fora, seu título é “On Behalf Of My Son”

Até o fechamento desta edição, 42 países tinham seus representantes locais inscritos na Academia. Fora esse contingente, há mais três títulos já no radar, selecionados sob a nova regra da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. A partir dela, longas-metragens premiados em alguns dos mais expressivos eventos competitivos do audiovisual serão automaticamente considerados para concorrer, a fim de evitar conflitos políticos, como se deu com a impostura francesa, em 2024, de esnobar “Anatomia de uma Queda” por rusgas internas. Assim sendo, serão considerados o ganhador de Sundance, que tem DNA albanês, “Shame and Money”, de Visar Morina; o Urso de Ouro de 2026, que alma turca e verba alemã, “Yellow Letters”, de Ilker Çatak; e a aclamada Palma de Ouro deste último Cannes, revelado em maio, “Fjord”, do romeno Cristian Mungiu.

Divulgação



Marcos Palmeira dirige *Dira Paes* em *'Sedução'*, ao lado do pai, Zelito Vianna, que lança o longa com a Inffinito

Vincent Rosenblatt/Divulgação



'Funk' representou o Brasil em Tribeca (NY) e agora vai a Miami

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Três décadas atrás, a palavra Inffinito - grafada com dois efes mas ainda recheada pelo conceito de expansão no alcance - passou a circular a Terra em forma de festivais de cinema, tornando-se ainda uma usina de produção (também de narrativas fílmicas), com Cláudia Dutra, Adriana L. Dutra e Viviane B. Spinelli no comando. Um dos polos inaugurais de ação foi Miami, numa luta para o audiovisual brasileiro se espalhar para Flórida, nos EUA, que, até sábado, serve de sede para mais uma edição da maratona de curtas e longas-metragens idealizada por essas três operárias da expressão cinematográfica.

A missão delas é criar pontes entre filmes nacionais e plateias estrangeiras. Seu circuito já passou por Nova York, Londres, Vancouver, Roma, Milão, Madri, Barcelona, Montevideu, Buenos Aires, Bogotá e Xangai, entre outras cidades. Fizeram cerca de 110 edições de suas mostras, onde foram exibidos mais de 3 mil filmes. É uma forma cosmopolita de expandir o Brasil planeta adentro, com eventos competitivos que coroaram performances antológicas.

Em 2026, cerca de 70 produções integram a programação do 30º Inffinito Brazilian Film Festival Miami, que ocupa diferentes endereços daquela cidade até o dia 12. A celebração ganha o rosto de Glória Pires, homenageada desta edição, e inclui premiêres de títulos ainda inéditos no Brasil, entre eles *"Sedução"*, de Zelito Viana e seu filho, Marcos Palmeira; *"Funk"*, de Aly Muritiba (sensação de Tribeca); e *"Se Eu Fosse Você 3"*, de Anita Barbosa e Daniel Filho, que promete alcançar uma bilheteria colossal.

"A Inffinito celebra três décadas de atuação como a mais longeva e influente plataforma de difusão do audiovisual brasileiro no exterior", explica Viviane. "Desde 1997, o festival criado por nós construiu uma trajetória pioneira ao apresentar, em Miami e depois em outras cidades, a diversidade estética e temática da produção nacional, revelando talentos, fortalecendo pontes internacionais e consolidando um circuito

permanente de exibição, formação e debate".

A programação competitiva deste ano ajuda a dimensionar a variedade da produção que a Inffinito pretende apresentar em Miami. Lá estão o sucesso popular *"Velhos Bandidos"*, de Claudio Torres, e o

vencedor de Gramado em 2025, o thriller *"Cinco Tipos de Medo"*, de Bruno Bini. Encerrada a programação presencial, a plataforma Inffinito.Plus vai disponibilizar de 13 a 30 de setembro, globalmente, 40 produções divididas em três seções: Homenagem a Glória Pires (com o

concorrente ao Oscar *"O Quatrilho"*), Cinebiografia (com biopics documentais tipo *"Mestre Zu"*, de Zelito Vianna) e 30 Anos, que funciona como uma arqueologia da própria produtora (onde entram pérolas da Retomada como *"Pequeno Dicionário Amoroso"*, de Sandra

Inffinito se escreve com dois efes: 'filmar' e 'ficar'

Divulgação



As divas Inffinito: Cláudia Dutra, Adriana L. Dutra e Viviane B. Spinelli

Grife cinematográfica celebra 30 anos de seu circuito de festivais de filmes brasileiros no exterior, tendo frentes ainda na produção e na exibição digital online, com o Inffinito.Plus

Werneck, e *"Como Ser Solteiro"*, de Rosane Svartman).

"Quando a pandemia estourou, estávamos pré-produzindo o 26º Inffinito Brazilian Film Festival e fomos paralisadas pela realidade", lembra Cláudia Dutra. "Já estávamos conversando sobre a possibilidade de criar uma plataforma de streaming com conteúdo 100% brasileiro, uma vez que tínhamos exibidos mais de 3 mil filmes ao longo do Circuito Inffinito de Festivais. Era uma oportunidade de tirarmos do baú esse sonho. Dar visibilidade mundial ao conteúdo brasileiro. Foi assim que nasceu a Inffinito.Plus, uma plataforma de conteúdo exclusivamente brasileiro que realiza mostras temáticas, festivais e mostras homenagens. Desde a sua criação já exibimos mais de 2 mil filmes".

No eixo da produção de conteúdo inédito, Adriana L. Dutra ataca na direção.

"A Inffinito começou na produção audiovisual com *'Fumando Espero'*, um filme que dirigi e que nasceu da minha curiosidade para investigar algo tão presente em minha vida. A reboque do *'Fumando'* vieram *'Quanto Tempo o Tempo Tem'* e *'Sociedade do Medo'*, parte final da *'Trilogia da Catarse'*, onde investigo questões pessoais que são temas universais. Esse foi o pontapé inicial e, a partir daí, não paramos mais de produzir", orgulha-se Adriana. "Hoje são 9 séries e 5 longas. Estamos na pós produção do nosso 1º longa de ficção, e minha estreia como diretora de ficção, *'I Love Cambuquira'*, uma comédia romântica com Lindsay Paulino, Rodrigo Pandolfo e Karine Telles, que faz uma celebração a todas as formas de amor. Também estreia esse ano, na Universal +, o *'Na Barraca em Busca do Amor'*, o 1º reality lésbico da América Latina. Ficou incrível! E temos muitos projetos desenvolvidos prontos pra serem comercializados. A Inffinito é um hub criativo".

Em suas três décadas de muito trabalho, a Inffinito é ainda responsável pela realização de eventos culturais no Brasil como o Cine Pedal Brasil, Cine Verão do Rio, Cinema da Gente, Verão do Rio, Conexão Samba, Redecard Conexão Brasil, B-a-bá do Cinema Nacional e Projeto Ecocine & Expo Lamsa Arte de Comunidade.

Aconteceu (ou foi forjado), virou manchete



Num ano repleto de filmes sobre o papel do jornalismo, Veneza tromba com o thriller francês 'La Moula', que investiga o tráfico de drogas na ótica de um repórter, entre fatos e invenção

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ventos venezianos sopram em favor da Coreia do Sul, dado o favoritismo em torno de "Possible Love", novo trabalho do artesão autoral Lee Chang-dong, na corrida pelo Leão de Ouro de 2026, a ser entregue neste sábado. Premiado em Cannes, no passado, com "Poesia" (2010) e "Burning" (2018), o cineasta trata agora de dois casais: de um lado, está um trabalhador recém-demitido e sua esposa; do outro, há uma documentarista e seu marido. Os caminhos deles se cruzam para a realização de um documentário, enquanto enfrentam suas diferentes realidades e desejos ocultos.

Classifica-se essa narrativa de Chang-dong como um ensaio de tintas existenciais sobre o afeto, mas a tônica que se espalhou por múltiplos pontos do evento, a começar pelo filme de abertura, "Ink", de Danny Boyle, foi o jornalismo e sua pertinência. Há quem aposte na Copa Volpi (a láurea de Melhor Ator) para Robert Pattinson em "Primetime", a julgar pela colossal atuação do atual intérprete do Bat-



A notícia é matéria de 'La Moula', em seu olhar sobre o jornalismo e o fetiche do true Crime



Denis Menochet vive o presidente francês em 'Júpiter', esbanjando talento

“A frase que poderia resumir o filme seria: tudo é verdade, menos a nossa história”

JÉRÔME PIERRAT

man no papel de um âncora de TV que caça predadores sexuais. No entanto, num perímetro distante de especulações acerca do que o júri presidido pela atriz e diretora Maggie Gyllenhaal poderá escolher premiar, reside uma pérola de DNA francês sobre bastidores (e malversação) da notícia: "La Moula" ("Moolah"). Tá um thriller danado de bom, que embaralha crime real e ficção. Virou "O" achado do Lido, o centro nervoso da maratona italiana, para além da competição oficial.

Dirigida por Jérôme Pierrat, essa joia briga pelas láureas da seção paralela Orizzonti. Há um momento em "Moolah" ("La Moula") em que procurar a fronteira entre documentário e ficção deixa de ser uma brincadeira cinéfila e se transforma na própria razão de ser do filme. Jornalista investigativo, escritor e documentarista especializado em crime organizado há mais de 25 anos, Pierrat dirigiu cerca de 20 documentários e publicou 25 livros

de investigação antes de migrar para a ficção. O movimento nasceu justamente de uma insuficiência: ele estima que, em seus trabalhos documentais de imersão, conseguia mostrar apenas uma pequena parcela daquilo que efetivamente presenciava. O registro de gênero apareceu como possibilidade de atravessar essa barreira.

O resultado é um filme de 82 minutos que parece brincar com o atual fetiche pelo true crime ao mesmo tempo que o alimenta. "A frase que poderia resumir o filme seria: tudo é verdade, menos a nossa história. Eu não queria um gangster daqueles saídos dos filmes, nem um policial saído de um filme ou um jornalista que parecesse inventado. Queria que tudo tivesse alguma coisa de real, de verdadeiro, exceto a história que estava contando", diz Pierrat ao Correio da Manhã, por Zoom.

Num trabalho de atuação irretocável, esse diretor interpreta

Jérôme, um repórter de crime organizado cuja carreira estagnou. Charlie, velho amigo e veterano do tráfico de cocaína, oferece-lhe uma oportunidade capaz de recolocá-lo no mapa: acompanhar por dentro uma quadrilha que espera a chegada, pelos arredores de Marselha, de um contêiner carregado de cocaína colombiana. Instalados numa modesta casa suburbana, os criminosos aceitam a câmera do jornalista enquanto aguardam aquele que deveria ser o último grande golpe de suas vidas. A paranoia começa quando um deles acredita ter reconhecido na cidade um agente da divisão de Narcóticos da polícia.

"No início, aqueles tipos são tão divertidos que você quase gostaria de entrar naquela casa e ficar com eles. No fim, já não tem tanta vontade assim. Quando vemos filmes sobre crime organizado, existe uma fascinação. Nem sempre assistimos pelas razões em que gostaríamos de acreditar. Existe voyeurismo nisso", questiona o cineasta, cuja fraude cinematográfica se faz com base em matéria humana desconcertantemente verdadeira.

O realizador não apenas interpreta uma versão de si próprio: parte dos criminosos é vivida por homens que conheceram de fato o cárcere e o crime organizado, enquanto os policiais foram recrutados entre agentes aposentados. Jean Ruimi, o Charlie do filme, cumpriu 17 anos de prisão antes de descobrir o teatro; Jean-Michel Correia passou dez anos encarcerado e posteriormente tornou-se ator, diretor e consultor de cinema; Thierry Coignard cumpriu 21 anos e encontrou a interpretação ainda na cadeia. Do outro lado da lei, Pierrat convocou

antigos policiais com décadas de experiência, entre eles Pierre Folacci, ex-integrante da estrutura policial de combate ao crime organizado de Marselha. É nessa colisão que "La Moula" encontra sua graça mais perturbadora.

Outro achado francês em Veneza foi "Júpiter", thriller político de Alexandre Smia que deita e rola no carisma e no talento de Denis Ménochet ("Peter von Kant"). Seu papel: o recém-eleito presidente francês Paul Archambault. Na trama, o estadista é chamado ao bunker antinuclear Júpiter, localizado sob o Palácio do Governo, para lidar com uma crise internacional cercada pelo terror de uma hecatombe atômica. O presidente russo foi vítima de uma tentativa de assassinato, responsabiliza os ucranianos pelo atentado e prepara uma retaliação. A tensão aumenta e a ameaça de uma guerra nuclear torna-se iminente. Sob pressão da América, Archambault e seus conselheiros políticos e militares veem-se diante de uma decisão impossível. O destino da humanidade está em jogo.

No site oficial de Veneza, Smia explica que o título do longa se refere ao Posto de Comando Júpiter, um lugar quase mitológico onde o presidente toma, sob absoluto sigilo, as decisões mais graves. "Com Thomas Finkielkraut, meu roteirista, quis contar essa história da maneira mais realista possível. 'Júpiter' não é apenas aquilo que poderíamos chamar de um filme-catástrofe; é também uma investigação brutal sobre o que significa ter nas próprias mãos, literalmente, o poder de destruir o mundo."

Festivais como o de Veneza existem para badalar esse tipo de reflexão e torná-la pop.

ENTREVISTA | PAULA COHEN

ATRIZ

‘O cinema conserva a memória da História e transmite a recordação para outras gerações’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Premiada nos palcos, onde aposta em espetáculos de viço estético como “Finlândia” e “A Noite Mais Fria Do Ano”, Paula Cohen cruzou o Atlântico, até a terra das gôndolas, para acompanhar a passagem pelo 83º Festival de Veneza do filme que tem tudo para render o Leão de Ouro pro Brasil (numa interseção com a Itália): “Retorno a Buenos Aires”. Marco Bechis, diretor chileno descendente de italianos, pilota essa narrativa, parcialmente rodada em Porto Alegre, feita em regime de coprodução internacional, com foco nos traumas da ditadura de nuestros hermanos.

Sua primeira projeção no Lido, a sede do evento, será nesta sexta. Paulista, mas filha de mãe e pai uruguaios, a atriz, que cresceu ouvindo (e falando) Espanhol em casa, apropria-se desse idioma para viver uma das personagens centrais da trama de Bechis: a juíza Desideria Losada. É ela a responsável por conduzir um julgamento que obriga sobreviventes da repressão argentina a encarar novamente seus algozes, agora noutra posição. A língua, em si, já serviria para Paula forjar uma ponte afetiva com o universo retratado pelo longa. Mas, para além dele, o DNA sul-americano em suas veias tem calor forte o suficiente pra ferver o caldo histórico de indignação em relação aos crimes dos governos de farda. “O cinema conserva a memória da história e transmite o vivido para outras gerações, num alerta”, diz essa bamba da atuação.

Aplaudida nas telas por sua forma metódica de atuar, comprovada em “O Silêncio do Céu” (2016), “Uma Espécie de Família” (2017) e “Serial Kelly” (2022), Paula vai integrar o elenco da esperada “Habeas Corpus”, série da Netflix prevista pro próximo dia 23. Antes, sábado agora, vai conferir como Bechis, antes conhecido por “Garagem Olimpo” (1999) e “Terra Vermelha” (2008), passa pelo crivo do júri de Veneza, carregando o Brasil consigo.

Sua trajetória profissional ocupa espaço considerável no teatro, mas o cinema parece ganhar cada vez mais espaço nas suas escolhas. Como ele entra na arquitetura da sua carreira?

Paula Cohen - O primeiro filme que fiz na vida foi em 1998, quando tinha acabado de sair da Escola de Arte Dramática. E é curioso porque agora estou estreando uma série do Luiz Villaça, que foi justamente com quem fiz aquele primeiro filme. Cinema sempre foi um desejo. Sou uma atriz muito formada pelos filmes que vi. No teatro, sou mais proponente, mais dona das minhas escolhas: compro o texto que quero, produzo aquilo que faço. No cinema é mais difícil produzir, então as coisas vão chegando. E fico cada vez mais feliz de poder contar histórias brasileiras e latino-americanas. Agora estou aqui em Veneza numa coprodução que junta Itália, Argentina e Brasil. É um momento muito rico, com o cinema brasileiro voando.

“Retorno a Buenos Aires” reúne um diretor chileno

de ascendência italiana (Bechis), uma atriz brasileira filha de uruguaios (você) interpretando uma argentina e uma coprodução que atravessa continentes. Mas Chile, Uruguai, Argentina e Brasil compartilham também a cicatriz das ditaduras. O que o longa acrescenta à discussão dessa memória?

Fico muito feliz em ver que, ultimamente, o Brasil está falando mais sobre esse período que tem muito a ser resolvido. Lembro que, na dramaturgia, no teatro, eu via Argentina e Uruguai trazendo esse tema muito mais do que nós. Eu sempre dizia: “A gente tem que falar mais sobre esse trauma”. O cinema está fazendo isso. E o cinema tem uma coisa maravilhosa: ele conserva a memória da História e transmite essa recordação para outras gerações, faz com que as pessoas vejam os fatos numa outra ótica e num outro tempo. A memória dói. Voltar a falar diante dos seus torturadores é terrível. Nesse sentido, estou contando uma história argentina, mas



Jiddu Pinheiro/Divulgação

“Este filme fala especialmente das consequências para um sobrevivente. Não apenas dos horrores ocorridos durante a ditadura, mas daquilo que uma pessoa leva consigo para o resto da vida: culpas, medos, traumas”

também uma história brasileira. Essa cicatriz é nossa.

O que Marco Bechis te oferece de mais profundo nesse espaço da memória?

Este filme fala especialmente das consequências para um sobrevivente. Não apenas dos horrores ocorridos durante a ditadura, mas daquilo que uma pessoa leva consigo para o resto da vida: culpas, medos, traumas. Marco viveu tudo isso. Foi sequestrado, torturado. Estou absolutamente feliz com esse encontro porque ele é um homem de cinema impressionante e traz uma vivência muito forte. Para fazer o filme, mer-

gulhei na ditadura argentina, que tem particularidades diferentes da brasileira, e mergulhei também na história dele. Li seu livro, “A Solidão do Subversivo”, no qual conta a própria experiência.

Você já trabalhou em espanhol em “O Silêncio do Céu” e “Uma Espécie de Família”. Agora interpreta uma argentina em “Retorno a Buenos Aires”. Como se dá a intimidade com o idioma e com a cultura do Rio da Prata, a partir das suas vivências familiares?

Minha mãe veio grávida do

Uruguai para o Brasil. Ela e meu pai são imigrantes, então, dentro de casa, minha primeira língua foi o espanhol. Ele faz parte da minha formação profunda, e não estou falando apenas do idioma, mas da cultura rioplatense. Incluo aí Uruguai e Argentina, porque também tenho família lá e transito muito por esses lugares. Tenho essa fluidez e me sinto preparada não só linguisticamente, mas pela estrutura cultural.

Mesmo quando interpreta personagens definidas por uma função — uma delegada, uma juíza — você procura retirá-las desse rótulo profissional. Quem é Desideria para você?

Minha personagem é justamente a mulher que está julgando aquilo. É uma personagem que, nesse contexto, nós nunca tivemos no Brasil, porque esse tribunal não existiu aqui. É uma mulher que sabe da responsabilidade histórica e humana que está vivendo. Está no eixo da lei, mas carregada de humanidade. Gosto de imaginar e construir as complexidades das personagens, criar uma gênese para lidar com elas como um ser humano. Um ser humano que é contraditório e cheio de riqueza existencial como todos nós somos. O filme de Bechis se passa em 2008. Fiquei imaginando que, na ditadura, Desideria teria sido uma estudante. Isso não está no filme, é uma construção minha, mas, por essa questão temporal, quantas pessoas ela pode ter perdido? Quantos amigos? “Retorno a Buenos Aires” é uma história de uma pátria em busca de justiça, mas também pode ser uma história profundamente pessoal.

E onde está a força dessa juíza diante dos sobreviventes?

Ela é uma mulher construída muito a partir da escuta. Sabe que, apesar da dor, precisa da verdade. Precisa que os sobreviventes contem a verdade.

Você volta ao teatro estre ano?

Quero muito ficar mais perto do Rio com minhas peças. Fiz “Finlândia” aí, mas quero voltar.

ARTIGO

PAULA MARTINEZ MELLO

Jornalista e Secretária Executiva do Conselho Estadual de Direitos da Mulher do Rio de Janeiro (CEDIM/RJ)

Duas amigas, uma viagem e muitas versões de nós mesmas

Livros, espetáculos e filmes que abordam as questões das mulheres “coroas” são sempre muito bem-vindos, mas não são exatamente uma grande novidade.

Quando a gente se enxerga em personagens que nos fazem sentir orgulho de ser quem somos, entendemos o que quer dizer representatividade. E aí não funciona só para as mulheres, mas para todas as pessoas que, por muitos e muitos e muitos anos, esperaram para ver um semelhante nas telas desse nosso Brasil.

Esse é um assunto universal, mas eu me restrinjo a falar daqui, do meu umbigo verde e amarelo, perdido na América do Sul. Falo do Rio de Janeiro, da poltrona do Cinemark Botafogo.

O envelhecimento, a solidão e a decadência do corpo são realidades para todos aqueles que — sendo bem clichê — têm a alegria de viver muito. Mas parece que essas palavras não consolam de todo, e a galera está sempre constatando as desvantagens dessa bênção.

Na comédia “Minha Melhor Amiga”, a coisa não é diferente. Duas amigas lindas, na casa dos 50, vivem uma aventura de Thelma e Louise às avessas. Amigas na vida real, as atrizes Mônica Martelli e Ingrid Guimarães vivem Júlia e Clara, duas mulheres que atravessam crises pessoais e embarcam para a Europa depois que suas filhas adolescentes vão para Portugal fazer intercâmbio. A viagem planejada para reencontrar as crias acaba se transformando em uma aventura cheia de situações inesperadas, constrangedoras e, principalmente, hilárias.

É nessa mistura de identificação e humor que mora o encanto do filme pois, o que é permitido à juventude — a espontaneidade, o impulso, a falta de cerimônia, a coragem de fazer uma bobagem e depois simplesmente seguir em frente — quando aparece nas “coroas” pode ganhar outro nome: pagação de mico.

Socialmente falando, mulher madura parece ter que se comportar “de acordo com a idade”. Como se envelhecer significasse, antes de tudo, aprender a caber naquilo que os outros consideram apropriado. Tem que se preservar, não pode exagerar e, sobretudo, não pode se expor.

Só que Júlia e Clara parecem não estar nesta sintonia. Nas malas delas, têm hormônios, maquiagens, cintas modeladoras, looks especiais e seus respectivos e desgarrados Ids.



Divulgação

As cinquentonas Mônica Martelli e Ingrid Guimarães vivem uma viagem de reinvenção em ‘Minha Melhor Amiga’

Com toda a licença à Freud, vamos ao nosso momento divã. Desviando aqui a rota dessa viagem, numa breve digressão pela Psicanálise, à luz do enciclopédismo da primeira pessoa da vivência... o bom e velho “meninos, eu vi... eu vivi”, o Id é aquela instância mais impulsiva e primária do aparelho psíquico, que, junto com o Ego e o Superego, compõe a estrutura psíquica. O Id busca a satisfação dos desejos e não se orienta pelas convenções sociais, pela moral ou pelas consequências. É o “eu quero, eu sinto, eu faço”, antes da “censura”. Já o Ego e o Superego, cada um na sua função, entram em cena para mediar, regular e colocar limites a esses impulsos.

Pois é. Aparentemente, os Superegos das duas amigas ficaram no Brasil. Deviam estar com os passaportes vencidos.

A despeito disso, ou talvez justamente por causa disso, elas saem pela Europa vivendo, à sua maneira, aquilo que aparece de forma tão saborosa no livro Liberdade, Felicidade e Foda-se, de Miriam Goldenberg, publicado em 2019: a ideia de viver mais para si e se importar menos — ou quase nada — com aquilo que os outros pensam.

Neste livro, em determinado momento, uma das entrevistadas da autora resume essa disposição em uma metáfo-

ra para lá de bem aplicada: “Aperto meu botãozinho e foda-se.”

No caso do filme, que na primeira semana já bateu a casa dos 400 mil ingressos vendidos e partiu para alcançar a maior bilheteria do ano, em termos de cinema nacional, o lance é ainda mais engraçado. O tal botãozinho delas parece estar sem trava: apertou, já era — ele fica acionado e não desliga.

E aí a enxurrada de comportamentos “sincerizados”, desejos, impulsos, gafes e decisões questionáveis simplesmente não tem fim. E mesmo quando fazem uma leitura duvidosa do mapa e desembarcam na Sevilha espanhola, desviando da Sevilha lusa, estacionam em local proibido e quase têm que dormir na rua, elas não desistem da viagem por um Velho Mundo que, aos poucos, se revela regenerador e capaz de abrir novos horizontes. É aí que “Minha Melhor Amiga” ganha a gente

Porque, para além de todas as situações realmente engraçadas, constrangedoras e absurdas, o filme é uma celebração da sororidade sem freio. Essa amizade aparece não como pano de fundo, mas como força capaz de sustentar, provocar e oferecer a cada uma delas — e de nós — a possibilidade de experimentar as próprias vontades.

Talvez porque, quando a gente passa

tempo demais tentando corresponder ao que esperam de nós, chega uma hora em que esse botão imaginário, mas tão real, deixa de ser uma escolha e vira um mecanismo de sobrevivência. Afinal, ninguém merece viver controlando desejos, calculando gestos e evitando tudo aquilo que possa parecer excessivo. Mulher madura não pode nem acenar de camiseta sem manga!

E talvez seja exatamente o que Júlia e Clara estejam descobrindo, redescobrando e ajudando muitas outras mulheres a descobrir: que envelhecer pode significar perder algumas coisas — o colágeno, a paciência, algumas ilusões —, mas também pode significar ganhar outra bastante poderosa: a coragem de buscar os prazeres e as realizações mais profundas e especiais, e de não pedir desculpas por ser quem se é.

“Minha Melhor Amiga” é isso. Um turbilhão de vetores desgovernados que acertam precisamente no alvo da plenitude da mulher contemporânea. Uma amizade a serviço de todas as amigas, das coragens, das rupturas e da liberdade de recomeçar. E parafraseando a eterna Rita Lee que disse: “Então, mulheres, vão lá e façam!”, o filme diz: “Então, mulheres, vamos lá e façamos!”

Em nome de Deus, do fio da espada, do calor do chumbo



Solomon Kane, puritano que guerreava contra demônios e homens maus na prosa de Robert E. Howard, volta a mobilizar as HQs, ampliando seu público no Brasil em duas editoras

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

E um sinal dos tempos... destes tempos de jihadismo religioso em terras brasileiras, nos quais credos elegem políticos e geram intolerância, o sucesso que cerca o retorno de Solomon Kane, o Puritano, às bancas, livrarias e lojas virtuais. É um sinal, sobretudo, de sagacidade da arte, ao sacar a necessidade de um vigilante ligado à fé. Duas das mais prolíficas grifes do mercado editorial brasileiro de HQs, a Panini e a Mythos, trazem para o português as peripécias desse misto de clérigo e paladino, de rapieira (sable de mosqueteiro) e garrucha em punho, calçado pelas Sagradas Escrituras em seu coração.

Os quadrinhos viram seu sucesso nos anos 1970 e 80, sobretudo quando a Marvel resolveu ilustrar e roteirizar os contos de Robert E. Howard (1906-1936), seu inventor, publicados a partir dos anos 1920 na revista “Weird Tales”. Rei Kull e Conan, o Bárbaro são as criações mais pop desse escritor, mas Solomon anda avançando casas no tabuleiro global da fama. Sua aguerrida figura chegou aqui de carona na “Espada Selvagem de Conan”, revista tamanho grande da ed. Abril em P&B, com desenhos de bambas como Ernie Chan. Agora, esse soturno súdito de Jesus ganha providencial reforço das editoras brasileiras, em almanaques que permitem olhar simultaneamente para seu presente e para o seu passado nas artes gráficas.

A Panini acaba de lançar “Solomon Kane: O Anel da Serpente”, traduzindo material produzido originalmente pela Titan Comics, escrito e desenhado por Patrick Zirccher. A Mythos, por sua vez, investiu na recuperação da fase da Dark Horse com “Solomon Kane Omnibus”, calhamaço de 400 páginas que reúne aventuras produzidas a partir de 2008. É uma dobradinha rara para um personagem que, embora



O paladino no olhar da Marvel Comics

nascido antes de Conan, jamais desfrutou entre nós da mesma regularidade editorial do guerreiro cimério.

“Personagem num estado de busca, Solomon Kane é uma espécie de exorcista”, diz o livreiro Higor Lopes, responsável pela loja Mundo Mythos, oásis de quadrinhos em São Paulo, na Rua Augusta. “Como Robert E. Howard, seu criador, suicidou-se muito novo, na casa dos 30 anos, a gente não tem noção do potencial que esse clérigo poderia atingir em seus contos. Os que ele publicou servem de base para as adaptações de HQ, como as da Dark Horse, que a Mythos lançou aqui. Esgotou tudo rápido. Estamos agora trabalhando numa reimpressão para o final deste mês”.

Nos EUA, a Marvel editou um

tijolão com as aventuras de Solomon, que pode até ser importado, mas custa uma baba em real, por conta de sua extensão: 624 páginas. As novas edições nacionais são beeeeeem mais em conta. Também não se paga um descalabro pela compilação da prosa de Howard sobre seu armado e violento adorador de Deus, compilada no Brasil em livro pela editora Generale, em 2015.

A estreia literária de Solomon ocorreu com “Red Shadows”, em agosto de 1928. Vestido como um pregador cristão, armado de espada e pistolas e movido por uma concepção implacável de justiça (sobretudo contra adoradores de demônios), ele é um peregrino inglês que agiu (até onde se sabe só na ficção) entre o fim do século XVI e o come-



ço do XVII. É nesse período em que atravessa Europa e África enfrentando escravagistas, contrabandistas, feiticeiros, criaturas sobrenaturais e toda sorte de manifestação do Mal. Quando “Weird Tales” começou a publicar Conan, em 1932, Howard já era apresentado aos leitores como autor conhecido justamente pelas histórias daquele sombrio “redentor de injustiças”.

A genealogia ajuda a entender por que Solomon permanece tão sedutor, quase cem anos após ser publicado pela primeira vez. Sua segunda vida começou nas bancas americanas em 1973, quando a Marvel publicou uma adaptação de “Skulls in the Stars” em “Monsters Unleashed” nº 1, com roteiro de Roy Thomas e desenhos de Ralph Reese. Kane logo

passaria pelas páginas de “Dracula Lives!”, “Kull and the Barbarians”, “Marvel Premiere” e, sobretudo, “The Savage Sword of Conan”. Entre 1976 e 1994, tornou-se presença recorrente na revista em preto e branco do cimério, com histórias assinadas ou adaptadas por nomes como Roy Thomas, Don Glut e Doug Moench e desenhadas por artistas como Howard Chaykin, Neal Adams, Steve Gan e David Wenzel. Entre 1985 e 1986, ganhou ainda a minissérie própria “The Sword of Solomon Kane”, em seis números.

Nos Estados Unidos, a Marvel havia espalhado as aventuras de Kane por diferentes títulos e formatos desde os anos 1970, até que a Dark Horse iniciou um novo ciclo em 2008. Vieram “The Castle of the Devil”, “Death’s Black Riders” e “Red Shadows”, combinando adaptações, conclusões de fragmentos deixados por Howard e novas construções ligadas à sua mitologia. É esse conjunto que agora serve de matéria-prima para o “Solomon Kane Omnibus” da Mythos. O volume brasileiro tem 400 páginas e abre com “O Castelo do Diabo”, com Scott Allie no roteiro, Mario Guevara na arte e Dave Stewart nas cores. A edição compila justamente os arcos “Castle of the Devil”, “Death’s Black Riders” e “Red Shadows”, além de extras.

Já “Solomon Kane: The Serpent Ring”, editado pela Panini numa compilação de 112 páginas, de capa cartão, lançada por R\$ 39,90, lemos uma viagem ao sul europeu e aos canais de Veneza numa busca pelo lendário Anel da Serpente de Thoth-Amon. O objeto cria ponte saborosa com a mitologia de Conan: a promessa de poder do artefato corrompe corações. O de Solomon, não. Jamais. A fé não deixa.

No cinema, essa capacidade de misturar aventura histórica e horror já havia motivado uma tentativa de franquia. Em 2009, James Purefoy encarnou o personagem em “Solomon Kane – O Caçador de Demônios”, dirigido por Michael J. Bassett. Há como vê-lo na Apple TV.

bistrô sesc

Experiências gastronômicas que vão muito além da mesa.

Descubra novos sabores em lugares cheios de história, cultura e beleza. No Bistrô Sesc, cada visita é um convite para viver o Rio de um jeito especial.



BISTRÔ SESC QUITANDINHA



BISTRÔ SESC CONVENTO DO CARMO



BISTRÔ SESC FLAMENGO



BISTRÔ SESC TERESÓPOLIS



Conheça as nossas unidades:

- Av. Joaquim Rolla, 2 – Quitandinha – Petrópolis
- Av. Delfim Moreira, 749 – Várzea – Teresópolis
- Rua Marquês de Abrantes, 99 – Flamengo – Rio de Janeiro
- Rua do Carmo, 27 – Centro – Rio de Janeiro
- Rua Álvaro Alvim, 14 – Centro – Rio de Janeiro – EM BREVE

Saiba mais:



E não deixe de
visitar o Bistrô Sesc
no Rio Gastronomia.

sescrj.org.br @sescrj

sesc

86 ANOS

A maior marca de bem-estar social do RJ.